

A CRÍTICA DE NIETZSCHE AO ESTILO CRISTÃO DE VIDA¹

Entender a crítica de Nietzsche ao estilo cristão de vida pressupõe entender a crítica de Nietzsche ao Cristianismo e ao tipo de relação ao mundo que ele propõem, ao seu ideal de vida – a ascese, ao tipo de homem que ele criou e àqueles que personificam ou encarnam de modo particular esse ideal – os sacerdotes.

Apesar da ambiguidade da posição de Nietzsche em relação ao Cristianismo é clara a sua intenção de o reduzir exclusivamente à sua dimensão moral – a um moralismo: “doentio moralismo que ensinou o homem a envergonhar-se de todos os seus instintos.”²

Nietzsche considera-se o primeiro filósofo trágico que descobriu o elemento dionisíaco, cuja realização consiste em dizer sim à vida e às suas incertezas, por oposição ao “Socratismo”, ou seja – o instinto, contra a racionalidade a todo o custo, essa força perigosa que mina a vida.³ Sócrates aparece claramente como inimigo dos instintos e por isso sintoma de declínio. Ouçamos o próprio Nietzsche: “Sócrates foi um equívoco; *toda a moral de aperfeiçoamento, ainda a cristã, foi um equívoco...* A mais ofuscante luz do dia, a racionalidade a todo o custo, a vida clara, fria, cuidadosa, consciente, sem instintos, na resistência contra os instintos, era apenas uma doença, uma outra enfermidade – e de modo nenhum o regresso à ‘virtude’, à ‘saúde’ à felicidade... *Ter de combater os instintos – eis a fórmula da *décadence*: enquanto a vida *ascende*, a felicidade é igual ao instinto.*”⁴

É pois em nome dos instintos - e do instinto Dionisíaco (que ama a vida terrena, o sentido da terra) – que anuncia a morte de Deus e leva a cabo um ataque sem tréguas ao Cristianismo, cuja vitória sobre o mundo antigo envenenou a humanidade, uma vez que é “o instinto de *degenerescência*, que se vira com subterrânea sede de vingança contra a vida...”⁵ Desta forma o Cristianismo aparece como um momento decisivo de um processo mais amplo de falsificação da vida: “Não há que embelezar nem que ornamentar o Cristianismo: ele travou uma *guerra de morte* contra o tipo de homem superior, banuiu todos os instintos fundamentais desse tipo (...) O Cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo, falhado, fez da *oposição* aos instintos de conservação da vida forte um ideal;”...⁶. “O Cristianismo foi, até hoje, a mais funesta das presunções (...) ao colocar de *cabeça para baixo* todos os valores (...). Quebrar os fortes, debilitar as grandes esperanças, tornar suspeita a felicidade da beleza, converter tudo o que é soberano, viril, conquistador e dominador, todos os instintos próprios do tipo «homem» mais elevado e mais bem conseguido, em incerteza, tormento de consciência, autodestruição, inverter mesmo todo o amor às coisas terrenas e do domínio da terra em ódio contra a terra e o que é terreno – *eis* a tarefa que a Igreja se impôs”...⁷ Desta forma construiu-se o “verdadeiro mundo” (aparente) a partir da contradição com o mundo real: “No Cristianismo, nem a moral nem a religião contactam em ponto algum com a realidade. Somente *causas* imaginárias (...) - todo

¹ A crítica de Nietzsche ao estilo cristão de vida, e ao Cristianismo, é dura, mordaz, violenta... Afim de melhor lhe retratar o pensamento, na minha comunicação, procuro manter um tipo de linguagem muito próxima da de Nietzsche ou dou mesmo lugar ao próprio Nietzsche através de abundantes citações.

² *A Genealogia da Moral*, II, § 7

³ Cf. *Ecce Homo*, “O nascimento da Tragédia”, § 1

⁴ Cf. *Crepúsculo dos Ídolos*, “O Problema de Sócrates”, § 4 e § 11

⁵ *Ecce Homo*, “O Nascimento da Tragédia”, § 2

⁶ *O Anticristo*, § 5

⁷ *Para além de Bem e Mal*, § 62

esse mundo de ficções tem a sua raiz no *ódio* contra o natural (- a realidade! -), é a expressão de um profundo mal-estar perante o real...⁸

Ora para Nietzsche “toda a moral *sã*, está dominada por um instinto de vida”, ao passo que “A moral *antinatural*, isto é, quase toda a moral que até agora foi ensinada, venerada e pregada se vira *contra* os instintos da vida – é uma *condenação* ora secreta, ora declarada e insolente destes instintos.”⁹ Surge assim a moral como contra-natureza que se insurge contra as paixões – “Mas arrancar as paixões pela raiz equivale a extirpar a vida pela raiz: a prática da Igreja é *inimiga da vida*...”¹⁰. “Naturezas como a do apóstolo Paulo têm um ‘mau-olhado’ para as paixões; só vêm delas o lado sujo, aquilo que desfigura e destrói os corações; a sua aspiração ideal leva-os portanto a destruir as paixões”...¹¹ A moral cristã como “Circe da humanidade” ensinou a desprezar os instintos da vida inventando, enganadoramente, uma “alma”, um “espírito” para desonrar o corpo.¹² Assim aparece o Cristianismo, aos olhos de Nietzsche, como hostilidade à vida, ódio ao mundo e a tudo quanto é humano, animal, material, aos sentidos, à razão, à felicidade, à saúde, à forma, à mudança, ao movimento, ao desejo, o anátema sobre as paixões, o medo da beleza e da sensualidade, um “outro mundo” inventado para caluniar a terra.

Contra este ideal moral declara-se *Imoralista* para proclamar bem alto: “Nego, por um lado, um tipo de homem que até agora se impôs como o mais elevado, os *bons*, os *benévolos*, os *caridosos*; por outro, nego uma espécie de moral que, enquanto moral em si, se tornou conspícua e dominadora – a moral da *décadence*, em termos mais óbvios, a moral *cristã* (...) como sintoma de fraqueza, como incompatível com uma vida ascendente e afirmativa”...¹³. Uma moral que odeia e proíbe os instintos *mais são*s, que ligam o homem com a terra (a alegria, a saúde, o amor...), isto é, com o exterior; aos quais contrapõem o interior, a alma obscura e enferma (doente).

De facto para Nietzsche “o homem é (...) o animal mais falhado, o mais doente, o mais perigosamente desviado dos seus instintos”...¹⁴ “O homem *doente de si mesmo* foi consequência de um divórcio violento com o passado animal (...) de uma declaração de guerra contra os antigos instintos”...¹⁵ Tudo isto é um sintoma de uma doença profunda, do cansaço, do desânimo, do esgotamento e do empobrecimento da vida – o homem é o “animal doente por excelência”. E o ideal ascético encontra audiência e crédito junto do animal doente porque oferece um sentido ao sofrimento e um remédio ao que ele possui de insuportável – procura dar-lhe *um sentido* “à falta de melhor”.¹⁶ O problema do animal *doente* não era a dor mas a razão da dor – «“O homem (...) não repele a dor, antes a procura, contando que lhe digam o porquê”»¹⁷. Ora o ideal ascético apresenta *uma finalidade*. Uma finalidade é melhor que nenhuma – era o “mal menor” por excelência. Ele explicava a dor, enchia um imenso vazio, fechava a porta ao niilismo. Mas não pode negar-se a natureza desta direcção asceta: “tudo isto significa uma *vontade de aniquilação*, uma hostilidade à vida”...¹⁸ Mas o homem prefere a

⁸ *O Anticristo*, § 15

⁹ *Crepúsculo dos Ídolos*, “A moral como contra-natureza”, § 4

¹⁰ *Ibidem*, § 1

¹¹ *A Gaia Ciência*, § 139

¹² Cf. *Ecce Homo*, “Porque sou um destino”, § 6 e 7

¹³ *Ibidem*, § 4

¹⁴ *O Anticristo*, § 14

¹⁵ *A Genealogia da Moral*, II, § 16

¹⁶ *Ibidem*, III, § 28

¹⁷ *Ibidem*

¹⁸ *Ibidem*

vontade de nada ao *nada* da vontade. O ideal ascético resulta do horror ao vazio, resulta da necessidade de finalidade – o homem “prefere querer o *nada* antes que *não* querer.”¹⁹

Deste modo o ideal ascético aparece aos olhos de Nietzsche como uma fraude, uma mentira: «A *mentira* do Ideal foi até agora o anátema sobre a realidade, a própria humanidade foi por ela falsificada e viciada até aos seus mais profundos instintos”...²⁰ As realidade celestes são um invenção doentia: “Foram os doentes e os moribundos que menosprezaram o corpo e a terra e inventaram as realidades celestes”...²¹ Assim: “O que a humanidade até agora teve em séria consideração não são sequer realidades, são simples imaginações; em termos mais estritos *mentiras* provenientes dos instintos maus de naturezas doentes, perniciosas no sentido mais profundo – todos os conceitos de “Deus”, “alma”, “virtude”, “pecado”, “além”, “verdade”, “vida eterna”... Mas foi neles que se procurou a grandeza da natureza humana, a sua “divindade”... porque se tomaram como grandes homens os homens mais perniciosos – porque se ensinou a desprezar as coisas “pequenas” ou seja, as preocupações fundamentais da vida».²²

Mas a vontade de sentido é também doença e mesmo loucura (pelo menos a vontade de sentido ascético). A vontade de sentido resulta do facto de o homem doente não suportar o real, o não *querer* ver a todo o custo como, no fundo, a realidade é constituída... e por isso pretende corrigi-lo eliminando a outra parte que é diferente dele, o que é “distante”; reduzindo o outro ao mesmo. (Tal é a ambição da dialéctica socrática e do racionalismo, da metafísica ocidental e do cristianismo Paulino).²³ A doença é tentar reduzir o mundo a si através da procura de um sentido (filosófico ou religioso) eliminando tudo o que é diferente, matando a vida e na vida, tudo o que faz a vida; vontade de morte ou de nada – tal é o niilismo.

A alternativa consiste em “metamorfosear” a vontade, o dizer sim ao mundo enquanto *outro*; ao que é mais tenebroso e o mais misterioso. Isto passa pela aceitação da finitude humana – o homem não cessa de se transmutar, de se auto-transcender. Só o homem que capta a realidade como ela é (com o que nela há de temível e de problemático), pode ter verdadeira grandeza. Zaratustra é precisamente o que “apreende a realidade *como ela é*”.²⁴

Em *Para Além de Bem e Mal*²⁵ diz que é o *medo* que obriga as pessoas a agarrarem-se com unhas e dentes a uma interpretação religiosa da existência. Mas medo a quê? Medo à *verdade*; que leva a falsificações, à vontade de inverter a verdade, à vontade de não-verdade a todo o preço. A religião nasce do medo, do pressentimento, de que o mundo não tem sentido, da sua fragilidade. É a incapacidade de aceitar o mundo na sua dureza inalterável que leva a produzir um mundo ilusório, um outro mundo (“melhor”). Assim o Cristianismo inventou o conceito de *Deus* como contra conceito da vida, para sufocar os instintos desta, as suas alegrias e a sua pujança. O *outro mundo* para desvalorizar este. A *alma* para denegrir o corpo. O *pecado*, a consciência, a liberdade, para arrebatam aos fortes e soberbos a sua força. Os conceitos capitais do Cristianismo são pura moral de escravos e ódio à vida. A concepção oposta é *Dionísos* – “Dionísos contra o Crucificado”.²⁶

¹⁹ *Ibidem*, § 1

²⁰ *Ecce Homo*, “Prefácio”, § 2

²¹ *Assim Falava Zaratustra*, I, “Dos visionários do além”

²² *Ecce Homo*, “Porque sou tão sagaz”, § 10

²³ Cf. *A Genealogia da Moral*, § 18, § 1, § 7, § 27

²⁴ *Ecce Homo*, “Porque sou um destino”, § 5

²⁵ Cf. § 59

²⁶ *Ecce Homo*, “Porque sou um destino”, § 9

A vontade de sentido é doença e resulta também do facto de o homem não se suportar a si mesmo, porque renegou uma parte de si – os seus instintos, a sua animalidade, a vida.²⁷ O homem dividido com ele mesmo (sem animalidade) dá-se a si mesmo um *ideal ascético* como forma de, enquanto angustiado, vencer a angústia; como meio vital de viver, mas neutralizando a vida.²⁸ Aqui radica a força das religiões que ao homem doente de si mesmo, oferecem uma interpretação, propõem uma salvação e os meios de escapar às incertezas do destino humano.²⁹ Surgem assim os “melhoradores”, os “reformadores”, que pretendem “aperfeiçoar” a humanidade, ou seja, os *Sacerdotes*.

O sacerdote tira do ideal ascético a sua fé, o seu poder, o seu interesse. É um homem interessado. Daí a necessidade de uma ordem superior que dá origem a esta espécie inimiga da vida – “A vida ascética é uma flagrante contradição; nela domina um ressentimento sem par, um instinto não satisfeito, uma ambição que queria apoderar-se da própria vida,” (...) voltando-se “contra a beleza, contra a alegria, enquanto pelo contrário, procura com o maior gozo a doença, a porcaria, a dor, o dano voluntário, a mutilação, as mortificações, o sacrifício de si próprio e tudo quanto é degenerado.”³⁰ “É esta alegria festiva que brilha no olhar cruel do asceta, do homem entusiasticamente ‘anti-natural’”.³¹

O ideal ascético tem a sua origem na vida que degenera, “e que por todos os meios procura a maneira de se conservar”³² – é o indício de um esgotamento fisiológico parcial: “são sabidas as três palavras mágicas do Ideal ascético: pobreza, humildade, castidade”, cujo objectivo é tornar o homem o animal mais doente, mais incerto, “o animal doente por excelência”.³³ E “os doentes são o maior perigo para os sãos” ao verem “a saúde, a robustez, a força, a valentia, a bravura” como “vícios que devêssemos expiar amargamente.”³⁴ Por isso “há nestes homens rancorosos, nestes degenerados uma sede de vingança subterrânea.”³⁵ Assim sendo, “a humanidade esteve até agora nas piores mãos, (...) ela foi governada por depravados, por sedentos de astuciosa vingança, pelos chamados ‘santos’, esses caluniadores do mundo, que descuram a humanidade (...). Mas o sacerdote quer justamente a degeneração do todo, da humanidade: por isso conserva o degenerado – é a este preço que ele domina ...”³⁶. Isto é, arruinado fisiologicamente a humanidade.

O sacerdote ascético deve ser, portanto, o defensor do rebanho doente. A sua missão histórica é a *dominação sobre os doentes*. É o homem que “muda a direcção do ressentimento” ao apresentar os pecados como causa do mal e do sofrimento.³⁷ Tem que apresentar a existência como culpável, fixando a culpa à existência, para ultrapassar a perigosa mobilidade do real, desvalorizando a vida. Por isso o sacerdote ascético não combate senão a dor, o mal-estar, e não a *doença*: “Pregadores de moral e teólogos possuem um tique comum: procuram todos persuadir o homem que se encontra muito mal de que tem necessidade de uma cura enérgica, de uma cura suprema e radical. O

²⁷ Cf. O fim de *A Genealogia da Moral*

²⁸ *A Genealogia da Moral*, III, § 28

²⁹ *Ibidem*, § 15

³⁰ *Ibidem*, § 11

³¹ *Para Além de Bem e Mal*, § 55

³² *A Genealogia da Moral*, III, § 13

³³ *Ibidem*, § 8

³⁴ *Ibidem*, § 14

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Aurora*. “Reflexões sobre a moral enquanto preconceito”, § 2

³⁷ Cf. *A Genealogia da Moral*, III, § 15

homem, de tanto ouvir, com demasiado zelo e durante séculos este género de professores acabou por sentir, na verdade, uma parte dos males que essa superstição lhe impõem"...³⁸ Desta forma "o cristianismo é um grande tesouro de engenhosíssimas fontes de consolação"³⁹, procurando combater uma epidemia de cansaço "anestesiando" os doentes e convertendo-se em bem supremo.

Mas assim "os doentes ficam mais doentes" já que o sacerdote ascético faz interpretar a dor do homem doente como um *castigo* por alguma falta cometida no passado, tornando o pecado um acontecimento capital – o pecado é a nova doença: a dor transformada em falta, em medo, em castigo, exigindo "a disciplina, a abstinência, a contrição."⁴⁰ A tal ponto que os sacerdotes quiseram arrogar-se o *direito* de impor penas, castigar, culpar. O homem "deve sofrer de maneira a precisar sempre do sacerdote." Não se precisa de cura, e por isso de médico; mas de *salvação*, e por isso do sacerdote... "o sacerdote *reina* graças à invenção do pecado."⁴¹

A esta tentativa de "reformatar", "melhorar", os homens chamou-se, segundo Nietzsche, moral. E o sacerdote é o "melhorador típico". Mas em vez de melhorar – debilita; pelo medo, pela dor, pela fome ... "a Igreja *estropeou* o homem, debilitou-o - mas pretendeu tê-lo 'melhorado'..."⁴².

"Melhorar" significa então, segundo Nietzsche, "domesticar", "debilitar", "desalentar", "refinar", "abrandar", "efeminar", *degradar*... De modo que 'melhoria' converteu-se em aumento de *doença*'.⁴³ "A *pia fraus* (Fraude piedosa) é o património hereditário de todos os filósofos e sacerdotes, que 'aperfeiçoam' a humanidade" – usando meios *imorais* para moralizar.⁴⁴ Assim "o homem faz-se melhor" (...) mas "o aspecto do homem fatiga-nos. Esta fadiga é o nihilismo. O homem fatiga-se do homem."⁴⁵

Devemos, contudo, salientar que Nietzsche não combate o ideal *ascético*, enquanto tal, mas aqueles que se viram forçados a ser ascetas: "Tenho o maior respeito pelo ideal ascético, desde que seja sincero! Desde que seja convicto e não uma farsa!"⁴⁶

Onde está, então, o contra ideal?

Não está na ciência, uma vez que esta com a sua vontade de verdade absoluta continua a fé no ideal ascético.⁴⁷

Também não se encontra no ateísmo: "o 'ateísmo' não é de modo algum contrário ao ideal ascético. O ateísmo é também uma vontade, um resto de ideal ascético, a sua forma mais severa, mais espiritualizada, mais esotérica, mais pura."⁴⁸

Contra esta moral da auto-renúncia que representa aos seus olhos a expressão suprema da decadência, da vontade de mentira, sintoma de fraqueza incompatível com uma vida ascendente e afirmativa; contrapõe uma atitude absolutamente contrária, *anti-cristã*, a que deu o nome de **concepção dionisíaca**:

³⁸ *A Gaia Ciência*, § 326

³⁹ *A Genealogia da Moral*, III, § 17

⁴⁰ *Ibidem*, § 20

⁴¹ *O Anticristo*, § 49

⁴² *Crepúsculo dos Ídolos*. "Os 'reformadores' da humanidade", § 2

⁴³ *A Genealogia da Moral*, III, § 21

⁴⁴ Cf. *Crepúsculo dos Ídolos*. "Os 'reformadores' da humanidade" § 5

⁴⁵ *A Genealogia da Moral*, I, § 12

⁴⁶ *Ibidem*, III, § 26

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, § 25

⁴⁸ *Ibidem*, § 27

- Não um sentido, mas sentidos: “o mundo, para nós, voltou a tornar-se infinito (...) não lhe podemos recusar a possibilidade *de se prestar a uma infinidade de interpretações*.”⁴⁹

- Não um fim, mas o progresso para o *Eterno retorno do mesmo*...⁵⁰

- Não a ordem mas a desordem – o “caos”: “aplaudimos todos os que amam o perigo como nós; o perigo, a aventura, a guerra.”⁵¹

- O “Amor fâti” – ou a aceitação da vida – o homem novo que ama a terra, que cria o sentido da terra e lhe permanece fiel; que ama a vida e cujos valores são a saúde, a vontade forte, o amor, a “embriaguez” dionisíaca e um novo orgulho ou seja o *Super-Homem*: (...) “um tipo da suprema perfeição, em contraste com homens ‘modernos’, com homens ‘bons’, com cristãos e outros niilistas...”⁵²

O ideal contrário é então “o ideal do homem mais exuberante, mais vivo, mais otimista do mundo que não aprendeu apenas a resignar-se e a reconciliar-se com aquilo que foi e que é, mas que o quer outra vez e para sempre *tal como foi e como é*...”⁵³. Tal é o artista trágico: “O artista trágico não é *nenhum* pessimista - diz *sim* a todo o misterioso e terrível, é *dionisíaco*...”⁵⁴

J. FRANCISCO CUNHA CARVALHO

⁴⁹ *A Gaia Ciência*, § 374

⁵⁰ Cf. *Ibidem*, § 341; *Assim falava Zaratustra*, III, “O convalescente”

⁵¹ *A Gaia Ciência*, § 377

⁵² *Ecce Homo*. “Porque escrevo tão bons livros”, § 1

⁵³ *Para Além de Bem e Mal*, § 56

⁵⁴ *Crepúsculo dos Ídolos*. “A ‘Razão’ na Filosofia”, § 6